



REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

ARTIGO | Dossiê Patologias Sociais e Interfaces com a Educação

Narrativas de jovens em situação de sofrimento psíquico: produção de sentidos e ressignificações sobre o acolhimentoNarratives of Young People in Situations of Psychological Distress:
Production of Meanings and Resignifications of Reception*Narrativas de Jóvenes en Situaciones de Sufrimiento Psíquico:
Producción de Sentidos y Resignificaciones sobre la Acogida*Ialane Monique Vieira dos Santos
Sebastião Kennedy Silva Soares
Nayara Alves de Sousa**RESUMO**

Esta pesquisa objetivou compreender os sentidos atribuídos ao acolhimento por adolescentes em sofrimento psíquico grave, usuárias do Centro de Atenção Psicossocial (CAPSia), na cidade de Vitória da Conquista-Ba. O percurso escolhido para a realização deste estudo foi a pesquisa qualitativa, por meio da técnica da pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo e a revisão de literatura pelo estado da arte. Teve como público-alvo duas adolescentes em sofrimento psíquico grave, usuárias do CAPSia. Para a produção dos dados, utilizou-se a entrevista narrativa (gravada e transcrita) e os relatos (auto)biográfico mediante a produção escrita de cartas. Emergiram três eixos: o acolhimento para a existência; potenciais e dificuldades para o acolhimento no CAPSia, e acolhimento profundo, autêntico, genuíno e verdadeiro. Portanto, compreendeu-se que o acolhimento movimenta as ações em saúde: os entendimentos em relação aos sofrimentos psíquicos se aprofundam, ocorrem compreensões sobre o adoecimento, a saúde e a vida ganham clarividência e os cuidados em saúde mental se ampliam valorizando o processo de humanização.

Palavras-chave: acolhimento; (auto)biografia; sofrimento psíquico.

ABSTRACT

This research aimed to understand the meanings attributed to reception by adolescents in severe psychological distress, users of the Psychosocial Care Center (CAPSia), in the city of Vitória da Conquista-Ba. The route chosen to carry out this study was qualitative research, using the technique of bibliographical research, field research and state-of-the-art literature review. The target audience was two teenagers in severe psychological distress, CAPSia users.

To produce the data, narrative interviews (recorded and transcribed) and (auto)biographical reports were used through the written production of letters. Three axes emerged: acceptance of existence; potentials and difficulties for reception at CAPSia, and deep, authentic, genuine and true reception. Therefore, it was understood that reception moves health actions: understandings in relation to psychological suffering deepen, understandings about illness occur, health and life gain clarity and mental health care expands, valuing the humanization process.

Keywords: reception; autobiography; psychological suffering.

RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo comprender los significados atribuidos a la acogida por adolescentes con sufrimiento psicológico severo, usuarios del Centro de Atención Psicosocial (CAPSia), en la ciudad de Vitória da Conquista-Ba. La ruta elegida para realizar este estudio fue la investigación cualitativa, utilizando la técnica de la investigación bibliográfica, la investigación de campo y la revisión de literatura de estado del arte. El público objetivo eran dos adolescentes con graves problemas psicológicos, usuarios de CAPSia. Para producir los datos se utilizaron entrevistas narrativas (grabadas y transcritas) e informes (auto)biográficos a través de la producción escrita de cartas. Surgieron tres ejes: aceptación de la existencia; potencialidades y dificultades para la acogida en CAPSia, y una acogida profunda, auténtica, genuina y verdadera. Por lo tanto, se entendió que la recepción mueve acciones de salud: se profundizan las comprensiones en relación con el sufrimiento psicológico, se producen comprensiones sobre la enfermedad, la salud y la vida ganan claridad y la atención a la salud mental se expande, valorando el proceso de humanización.

Palabras-clave: recepción; autobiografía; sufrimiento psicológico.

Introdução

Esta pesquisa teve por objetivo compreender os sentidos atribuídos ao acolhimento por adolescentes em sofrimento psíquico grave, usuárias do Centro de Atenção Psicossocial (CAPSia), localizado na cidade de Vitória da Conquista – Bahia. O CAPSia é um serviço de atenção diária que faz parte da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), destinado ao atendimento de crianças e adolescentes em sofrimento mental grave, severo e persistente, incluindo vivências com diagnósticos de autismo, esquizofrenia, transtornos de humor, riscos de suicídio e automutilação.

Notava-se no contexto de trabalho em saúde mental, demandas de preenchimento de documentos que comprovam produtividade, medicalização excessiva devido à fragilidade das práticas de reabilitação psicossocial e casos graves que não eram contemplados com a clínica tradicional e acabaram ficando isolados em seus domicílios. Além disso, alguns casos com demandas

de escuta ampliada, profunda e atenção à crise psíquica intensificada que os profissionais de saúde da rede de atenção à saúde mental como: psicólogos, assistentes sociais, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais e enfermeiros não conseguiam contemplar.

As experiências exitosas de cuidados carregam, em sua essência, o acolhimento, que fortalece a rede de cuidados em direção à desconstrução de rótulos e estigmas, atravessa, potencializa e fortalece muitas ações em saúde (Vieira; Santos, 2011). Assim, o acolher em saúde mental é proposta de uma clínica ampliada que concebe o ser humano como integral e a vida como totalidade, evitando a fragmentação das necessidades de saúde (Cunha, 2005). Nesse ponto, é imprescindível o acolhimento, que se dá como uma tecnologia leve, implicando transformações por meio da escuta, confiança, solidariedade, compromisso, compaixão e respeito (Merhy, 2007).

Dessa maneira, definimos como problema de pesquisa: como são os sentidos atribuídos ao acolhimento por adolescentes em sofrimento psíquico grave, usuárias do Centro de Atenção Psicossocial (CAPSia), localizado na cidade de Vitória da Conquista – Bahia?

O percurso escolhido para a realização deste estudo foi a pesquisa qualitativa, por meio da técnica da pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo e a revisão de literatura pelo estado da arte. Teve como público-alvo duas adolescentes em sofrimento psíquico grave, usuárias do CAPSia.

Para a produção dos dados, utilizou-se a entrevista narrativa (gravada e transcrita) e os relatos (auto)biográfico mediante a produção escrita de cartas. Emergiram três eixos: o acolhimento para a existência; potenciais e dificuldades para o acolhimento no CAPSia, e acolhimento profundo, autêntico, genuíno e verdadeiro.

Assim, esse artigo encontra-se estruturado da seguinte forma: inicialmente apresentamos um diálogo teórico que enfatiza a luta antimanicomial, o acolhimento e a rede de atenção psicossocial, que fortalece a política de saúde mental no Sistema Único de Saúde (SUS). Em seguida, destacamos o estado da arte, que visou o aprofundamento dos estudos e pesquisas sobre o tema, bem como analisar as limitações desses trabalhos frente a temática abordada na dissertação que teve como resultante este artigo.

Além disso, enfatizamos o percurso metodológico, nos resultados são apresentados os sentimentos do acolhimento compreendidos, a partir da análise das narrativas das duas jovens participantes da pesquisa e por fim, trazemos as considerações finais.

Este estudo demonstra a sua relevância em trazer como objeto de estudo adolescentes em sofrimento psíquico grave, por ser uma área necessitada de aprofundamento e de exploração no campo científico, educacional e social, o que representa uma iniciativa no sentido de mobilizar mais estudos que preencham as lacunas existentes no tocante à investigação dessa temática integrando os campos da Educação em Saúde e Educação.

Diálogo teórico

Ao analisar o histórico dos manicômios, é possível observar que a psiquiatria demonstrou uma cultura da saúde e da doença mental, falida em seus modelos terapêuticos: abusiva, reducionista e generalista, a loucura como liberdade não tolerada. Expulsando o doente de seu contexto social, excluindo-o de sua própria humanidade, obrigando-o a humilhações e mortificações, inibindo as fontes para uma relação verdadeira, encarcerava-se única dimensão, impedindo a reconquista da liberdade e do conteúdo humano para a cura (Baságli, 2011).

Com estas indignações, a luta antimanicomial, visou a desconstrução dos manicômios físico e simbólicos. No Brasil a luta antimanicomial teve influências das ideias de Franco Basaglia, que iniciou o movimento de indignação com as opressivas e trágicas práticas manicomiais na Itália, que violentava o humano privando-o da liberdade e dignidade de existir, despertou o olhar para um movimento de transformação, denunciando o internamento que contraditoriamente gerou total aniquilamento da individualidade, sendo lugar de horror e morte existencial (Baságli, 2011).

A luta antimanicomial visou a desconstrução desses manicômios físico e simbólicos. No Brasil essa luta se fortaleceu com os ideais do movimento pela reforma sanitária, e os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), para a construção de uma rede de atenção à saúde mental pautada no acolhimento,

no respeito, na liberdade, na participação social, na universalidade, na equidade e na integralidade.

Entre as principais conquistas a Lei 10.2016 define direitos e a portaria 3.088 de 2011, institui a rede de atenção psicossocial no SUS. Nesse ínterim, o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), constitui uma das principais estratégias da reforma psiquiátrica, tendo como princípio os cuidados integrais, humanizados e em liberdade com estímulo à integração social e familiar, à autonomia e ao respeito (Brasil, 2014).

Silveira (2004), denuncia o hospital psiquiátrico, como mutilador das forças criativas e curativas, sendo desfavorável ao emergir da criação, pelo contrário torna-se um ambiente frio, repleto de padronizações, anonimatos e violações, falta de afeto que por vezes produzem regressões, complicações, danos irreversíveis e violentos agravos ao sofrimento. Assim, ela demonstrou em seu modo de acolher, e cuidar um profundo respeito a singularidade, ao sofrimento e a dor do outro, recusou-se a usar métodos violentos da época, denunciando-os de forma indignada, e revolucionou com o seu método terapêutico, capaz de acessar casos gravíssimos de sofrimento psíquico, estados psicóticos e esquizofrênicos, de uma maneira profundamente acolhedora e afetiva.

Na mesma direção, Peixoto (2012) relata a experiência de trabalho em serviço de saúde mental, partindo do acolhimento aos diferentes, com abertura incondicional para o encontro, e engendrou o “Movimento de Heterogênese” com o qual conseguiu romper com as rotulações, vislumbrando compreender o usuário de saúde mental pelos afetos, experimentando novas intensidade e sentidos, rompendo com ideias manicomializadoras.

Sendo assim fundamental pensar nas possibilidades de políticas públicas de acolhimento e cuidados em saúde mental a juventude enquanto uma necessidade para realização dos potenciais e enfrentamentos aos desafios que se colocam frente a essa fase da vida, em que se manifesta a afirmação e definição identitária, fase transitória de instabilidade e de descobertas (Trancoso; Oliveira, 2011).

Conforme os cadernos da Política de Humanização do SUS (Brasil, 2004, 2007, 2008), acolher consiste em organizar o trabalho para atender a todos que procuram os serviços de saúde, no intuito de escutar as queixas, os

temores, os anseios e as expectativas. Além disso, valorizar e compreender o âmbito psicológico, cultural, socioeconômico, avaliar riscos e vulnerabilidades, orientar, em relação a outros serviços de saúde para continuar a assistência e se responsabilizar para dar uma resposta adequada.

Assim, para uma atenção acolhedora, resolutiva e humana, destacam-se, no contexto da ambiência, os componentes afetivos expressos no modo da atenção dispensada ao usuário e da interação entre os sujeitos, trabalhadores e gestores, visando privacidade, a confortabilidade e a harmonia (Brasil, 2008).

Por isso, a Política Nacional de Humanização do SUS (PNH) fortalece a política de saúde mental e a luta antimanicomial, possibilita mais motivação, alegria, sentido, solidariedade e êxito nas atuações. Sendo que, no contexto da saúde mental, o acolhimento e a liberdade precisam acontecer em todas as ações de cuidados.

Rogers (2011a, 2011b, 2012), apesar de não falar diretamente do acolhimento no seu referencial teórico-conceitual, demonstra, em todo o seu conteúdo, atitudes condizentes com o acolhimento que referimos neste trabalho, principalmente por ter como princípio o encontro autêntico e genuíno, atravessado por atitudes de consideração positiva incondicional, não julgamento, congruência e profundidade empática.

A obra de Frankl (2010, 2011) aborda conceitos de sentidos para a vida que contemplam o acolhimento como uma forma de encontrar sentido para o viver. Assim, através do acolhimento autêntico e genuíno, é possível se encontrar com a originalidade única de outro ser humano, vivenciando o amor.

Estado da arte

No estado da arte objetivamos mapear e discutir algumas produções acadêmicas, tentando responder aspectos e dimensões que vêm sendo destacados em diferentes estudos e pesquisas, frente a temática abordada na dissertação, que teve como resultante este artigo.

Dessa maneira, o estado da arte, aconteceu por meio de busca na Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), dia 19 de outubro de 2022, usando o termo “acolhimento AND sofrimento psíquico”. Foram

encontrados 128 trabalhos, sendo 92 dissertações e 36 teses. Após a leitura de títulos e resumos, foram selecionados sete trabalhos pela relação mais direta com o tema de interesse e, depois da leitura do texto integral, foram excluídos dois, por não tratarem diretamente sobre o tema acolhimento, restando quatro dissertações para este estado da arte.

Conforme a categoria acolhimento e os cuidados em saúde mental no SUS os textos demonstram que o acolhimento consiste em uma prática que fortalece a escuta, os vínculos e os cuidados na relação com a pessoa em sofrimento psíquico de uma forma mais humana e solidária, potencializando todas as ações de cuidados em saúde mental (Volmer; Azambuja, 2019; Ramos, 2018). Explicam a importância de superar limites burocráticos e protocolos a fim de compor gestos inéditos de acolhimentos em toda sua potência cuidativa, que, além de acolher os usuários, sejam acolhedores também os profissionais.

Na categoria acolhimento e práticas manicomiais os artigos demonstram a potência do acolhimento para criar práticas de cuidados em saúde mental mais respeitadas e inclusivas à pessoa em sofrimento psíquico que historicamente foi violentada, estigmatizada e discriminada por seu diferente modo de existir, fortalecendo, assim, as propostas da luta antimanicomial de desconstrução de manicômios visíveis e invisíveis (Caçapava, 2008; Peixoto, 2017; Hyppolito, 2017; Ramos, 2018; Volmer; Azambuja, 2019).

Na categoria acolhimento e a superação das práticas manicomiais Kinker e Moreira (2021) abordam o sofrimento e a crise psíquica em sua possibilidade de abertura de possíveis: criação, purificação, transformações para trabalhadores e usuários dos dispositivos em saúde e cuidados à saúde mental. De forma ampliada, discorrem sobre as estratégias de cuidados inusitadas e inovadoras, que podem surgir nesses momentos, quando o acolhimento precisa ser intenso, marcar e direcionar novos caminhos para os cuidados.

Diante do exposto, desvela-se a necessidade de educação permanente sobre o acolhimento como potente substitutivo ao modelo manicomial, com suas medicalizações excessivas e práticas violentas. Ressaltando à importância de considerar, com muito respeito, os sentidos, significados, e saberes produzidas pela pessoa que vivenciam o sofrimento psíquico.

Logo, observou-se também uma ausência de estudos sobre o tema, a partir da abordagem da pesquisa (auto)biográfica exigindo novas leituras acerca das experiências de si à luz das narrativas dos próprios usuários da rede de atenção psicossocial, que fortalece a política de saúde mental no SUS.

Percurso da pesquisa

Este estudo está estruturado a partir da abordagem da pesquisa qualitativa, que se relaciona com um universo muito peculiar, ligado aos fenômenos humanos das crenças, dos significados, dos motivos, das atitudes e aspirações (Minayo, 2016).

Foi realizada mediante a perspectiva da pesquisa (auto)biográfica que possibilitou a compreensão sobre autorias e histórias de si, mediante o encontro entre narrador e pesquisador, sendo baseadas na reflexividade (Passegi; Cunha, 2013). Nesse sentido, a partir dos estudos biográficos, buscou-se analisar os sentidos que as jovens atribuem ao acolhimento com base nas narrativas de vida.

Segundo Soares (2019), por meio de uma investigação de cunho biográfico, podemos acessar subjetividades, identidades, processos de autoconhecimento, experiências, ressignificações, sentidos, singularidades, pluralidades, diversidades, desafios, dificuldades, superações, diálogos, reflexões, potencialidade e possibilidades.

Além disso esta pesquisa também está estruturada pela abordagem bibliográfica e análise documental, que foram utilizadas para compor o estado da arte, com o propósito de ampliar a compreensão sobre o acolhimento.

O campo de pesquisa foi o CAPS ia, localizado em Vitória da Conquista, na Bahia. O público deste estudo foram duas meninas adolescentes com 17 anos de idade, em sofrimento psíquico grave, usuárias do CAPS ia de Vitória da Conquista.

Optamos por esse público por serem adolescentes que são atendidas nesse local e que frequentemente manifestam situações de sofrimento e crise psíquica, demandando intensificação do acolhimento.

A pesquisa recebeu aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

(UESB), conforme parecer 6.200.359 em 24 de julho de 2023.

Desde as primeiras normativas, os adolescentes foram colocados como integrantes dos grupos especiais, porém, em 1983, foi incluída a perspectiva de buscar, sempre que possível, o consentimento dos adolescentes e não apenas dos adultos responsáveis. Assim, pouco a pouco, eles foram ocupando espaços nos códigos de ética em pesquisa (Sousa et al., 2018).

Dessa maneira, as adolescentes e os responsáveis foram comunicados sobre a proposta desta pesquisa e a possibilidade de publicações científicas, preservando a privacidade e o sigilo das informações, como indicados nas normas éticas estabelecidas pela Resolução 446/12 do Conselho Nacional de Saúde. Além disso, foi solicitado aos participantes e seus responsáveis a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Os sentimentos do acolhimento: análise das narrativas

Nesta parte do trabalho buscamos explorar uma análise acerca dos dados da pesquisa de campo e para preservar o respeito, a privacidade, e o sigilo em relação as duas jovens participantes desta pesquisa, foram utilizados nomes de cores, Rubra por ser vermelho a cor preferida desta participante, uma cor intensa e indefinível. Íris imaginando todas as cores do arco-íris em sua beleza e mistério, também indefinível.

A jovem Rubra

Conforme a proposta autobiográfica, foi solicitado as participantes desta pesquisa a escrita de si sobre a presença do acolhimento em suas vidas através de uma carta.

Rubra relata em sua carta autobiográfica um sentir de acolhimento quando era bem pequena. Até que, aos seis anos, ela viu-se exposta a situações de vulnerabilidade e violação de seus direitos quando não obteve apoio. Estes aspectos a tornaram uma criança com sentimento de insegurança, em um ambiente de descuido e fragilidades no acolhimento.

O relato dela demonstra também que se sentiu sozinha e sem possibilidades de expressão. Na escrita de si reverbera também muita aptidão para os cuidados com os animais, afirmando o relacionamento com gatos e cachorros, uma das suas experiências afetivas mais intensas, tendo-os como referência principal de acolhimento, amor e amizade. Aos dezesseis anos, ela após uma tentativa de suicídio obteve o apoio de um familiar para buscar ajuda no CAPSia, período que iniciou os cuidados em saúde mental.

A narração da jovem sinaliza traços autobiográficos de timidez, de dificuldade de comunicação dos próprios sentimentos, resistências, inseguranças e medos sobre como seria esse atendimento e receios sobre estereótipos e rótulos sobre a loucura, que poderiam lhe dar. Mas, após sentir se acolhida pacientemente, pouco a pouco, foi se vinculando, e se sentindo bem nos atendimentos individuais e nos grupos terapêuticos.

A jovem Íris

A Íris, em sua carta autobiográfica, revela uma infância de alegrias com as coisas mais simples e de sofrimento em um contexto de vulnerabilidade socioeconômica e psicossocial. A jovem desvela que passou por situações de violência e *bullying*. Gostava de suas bonecas e animais de estimação, experiência afetiva, que lhe nutria o coração, memórias afetivas de alguns momentos de brincadeiras com sua mãe, irmã, primos e uma amiga.

A sua narrativa permite construir um “retrato biográfico” de uma jovem tímida. Durante muito tempo, ela sentia-se sozinha e com dificuldades em fazer vínculos de amizade. O seu relato deixa transparecer que ela sempre apresentou aptidão desde a infância por desenho e cuidados com animais. A narração revela a falta do afeto, da amorosidade, da compreensão e do contato físico no contexto familiar, na escola e nos contextos sociais. Desvela em sua escrita que se descobriu/reconheceu como lésbica gostando de uma garota da escola.

Na fase da adolescência, ela sentiu o contexto em que vivia, principalmente a escola ainda mais esvaziada de sentidos, quando começou a se ferir, cortando os próprios pulsos, posteriormente realizou muitas tentativas de suicídio. Após várias tentativas de suicídio, iniciou a terapia com uma

psicóloga que a acolheu. Em seu relato, fica perceptível as experiências construídas no CAPSia, como espaços em que começou a frequentar, lugares também limitados na sua capacidade de acolher, frente a uma demanda de acolhimento, que se desvela tão mais antiga, intensa e profunda.

Núcleo de sentimentos I – Acolhimento para existência

Este núcleo I, visa abordar a definição e os sentidos do acolhimento para a existência, conforme as experiências das participantes do estudo Rubra e Íris. Neste aspecto, as narrativas das jovens desvelaram diversos sentidos sobre o que é o acolhimento. A palavra “diferente” aparece na narrativa da colaboradora Rubra manifestando um sentido do acolhimento no que refere a inclusão, aceitação e não julgamento da diferença. De modo que um dos sentidos do acolhimento para ela é poder ser diferente e ser aceita na sua diferença.

[...] acolhimento é... acolhimento para mim é ...quando as pessoas acolhem uma pessoa independente de ela ser diferente, e não trata ela de uma forma diferente por ela ser diferente, e acolher pra mim é uma coisa simples, é só você ter gentileza e carinho (Rubra, 2023).

Para Rubra, é possível notar o “diferente” com o sentido que se produz, o poder se encontrar em sua essência, ser acolhida e acolher incondicionalmente, com consideração positiva que independe, do modo de ser, tipo da etnia, das orientações ou das escolhas do outro. O sentido de encontrar de forma genuína e irrepetível de cada um existir. Com o sentido do cuidado e da reverência a outro ser humano, que acontece no momento da acolhida. Esses termos foram verbalizados de formas distintas, mas que remetem ao sentido do zelo, cuidado e reverência, produzindo enriquecimento e sentido para a experiência humana.

Esse sentimento manifestado por rubra, condiz com a abordagem escrita por Rogers (2012), no que refere ao acolhimento a pessoa em sua integralidade, aceitando as diferenças em contemplação, estima, apreciação e afeto a sua existência, em um clima de consideração positiva incondicional, sem julgamentos ou controle, como se contempla um pôr do sol, ainda que esse modo de existir seja muito distinto do próprio modo, ou dos modos como a sociedade costuma padronizar o viver. A aceitação acolhedora, ao que o outro

seja naquele momento aumenta, possibilidade de movimento, mudança e crescimento (Rogers, 2012).

Para a participante Íris, a palavra “empatia” se repete desvelando o sentido do acolhimento, se manifesta no gesto de colocar-se no lugar do outro para compreender a sua experiência, ainda que seja diferente da própria experiência, empatia também no acolher sem julgamento, na escuta profunda até mesmo a dimensões indizíveis da experiência. O que demonstra uma disponibilidade para a convivência, o diálogo, a compreensão, a ajuda, a amorosidade e o cuidado com o outro [...] *para mim é... atenção, empatia, é você enxergar o outro de uma forma cuidadosa e com empatia sabe? Está disposto a cuidar do outro, a ajudar o outro, basicamente isso* (Íris, 2023).

Nesse sentido, o acolhimento inaugura uma possibilidade para essas jovens serem aceitas em suas singularidades, de forma autêntica e genuína, criando possibilidades de inclusão da diferença, integralidade do cuidado, integração, diversidade, autenticidade, inteireza e plenitude da existência. Sendo assim, o sentido do acolhimento para Rubra e Íris, se manifesta com potencial para inclusão, integração, criação, e desconstrução de manicômios.

Sentido esse que coincide com os resultados apresentados por Peixoto (2012), em tese após sua intensa experiência de acolhimento aos diferentes, com abertura incondicional para o encontro independente de rótulos diagnósticos - rótulos estes muitas vezes usados como classificações e segregações de grupos.

Em relação a como foi a vivência do acolhimento nas histórias de vida para Rubra, foi fundamental encontrar um lugar de pertencimento que fosse além do espaço físico. Nesse aspecto, quando refere ao lugar, este aparece com o sentido do acolhimento que cria uma estética, aconchego e possibilidade de escuta profunda, autoconhecimento e ajuda.

O acolhimento revela o sentido de percebe o velado, o não explícito, o não dito. Dessa forma, significa um “perceber” de profundidades da existência e do sentimento, que se torna possível devido a uma paciência maior para escutar, ver e sentir o outro com o desvelo, e a amorosidade. Foi possível observar em seus relatos, que o acolhimento é imprescindível para um viver pleno de cuidados e amor.

De modo que para narradora Rubra, o acolhimento é fundamental para que possa se sentir pertencente ao contexto social, transitar entre esses espaços, permitir encontros, reencontros. Todavia, ressalta em sua narrativa, sentindo-se por vezes não pertencente e não acolhida, logo ressalta a necessidade que tem de relações íntimas e acolhedoras.” *...eu senti que o acolhimento em geral é fundamental, para uma pessoa se sentir incluída na vida, no trabalho em qualquer lugar...*” (Rubra, 2023).

Sobre isso, a participante Íris associa o acolhimento a sua existência, quando está próxima das pessoas que gosta, encontrando o sentido do acolhimento na autenticidade de um gesto que gera um sentimento de bem-estar, de conforto, de confiança, de aconchego, de intimidade, de espontaneidade. Assim, revela que o sentido do acolhimento é manifestado em relações de amizade, afeto e cuidado genuíno “*Quando, basicamente quando estou com as pessoas que eu gosto, perto das pessoas que eu gosto, me sinto acolhida principalmente com os meus amigos mais próximos e... e quando eu estou aqui no CAPS também*” (Íris, 2023).

Dessa maneira, a participante reflete o acolhimento como base para a existência, necessário, essencial a vida. Os termos “sozinho” e “solidão”, se manifestam em seu relato, de forma autêntica, reconhecendo a solidão inevitável, e a necessidade fundamental de serem acolhidas na vida, de forma autêntica e genuína, para ter sentido e forçar a existência.

Na minha opinião, do meu ponto de vista, eu acho que...e na minha vida também, eu acho que o acolhimento é uma das bases pra...pra existir mesmo sabe porque ninguém vive sozinho e... eu sou uma pessoa que eu tenho bastante incômodo com a solidão e com o fato de estar sozinha, então eu preciso saber que têm alguém comigo, eu preciso...não fisicamente mas, que tem alguém por perto sabe, e não sei acho que acolhimento deveria ser uma coisa que é essencial na vida de todo mundo porque é importante (Íris, 2023).

Deste modo, para ela o acolhimento possibilita o sentido do estar junto com pessoas afetivamente conectadas protagonizando a vida, no enfrentamento aos desafios que emergem no viver, e em celebração a toda graça que emana da existência.

Esses sentimentos sintonizam com as inspirações de Freire (2005), quando explica sobre a educação como prática de amor, de liberdade que conduz o homem a tomada de consciência de sua solidão e finitude. Portanto,

dá ênfase ao amor como a própria fonte de: acolhimento, cuidado, educação, libertação, coragem.

Núcleo de sentimentos II – Potenciais e dificuldades para o acolhimento no CAPSI

Este núcleo de sentidos II aborda sobre os dificultadores e as limitações para o acolhimento, bem como as potencialidades quando o acolhimento acontece, conforme as experiências das jovens no CAPSia. Referente ao acolhimento vivenciado pelas participantes no CAPSia, observamos que para Rubra, a ideia do acolhimento vem carregado da palavra “cuidado”. Conforme ela, sentir acolhida, é necessário que se sinta cuidada de uma forma especial, o sentido do acolhimento se relaciona ao cuidado.

Em relação a participante Íris, nota-se novamente a dimensão do “não” como a negação do acolhimento na atitude institucional, técnico-profissional, por se apresentar muitas das vezes como obrigação de resolução de um problema, como se a pessoa fosse o problema, a pessoa não é o transtorno, não é o problema, é um ser integral que sente. Assim, em sua narrativa, a obrigação institucional de resolução imediata dos problemas se apresenta como uma barreira.

Eu confesso que as vezes, têm uns momentos específicos que eu tenho a impressão a sensação de que não, de que eu não me sinto acolhida aqui porque, as pessoas as vezes me tratam como se eu fosse um problema a ser resolvido, e não uma pessoa, mas na maior parte do tempo sim (Íris, 2023).

O sentido do acolhimento no CAPSia para as Jovens Íris e Rubra, se consolida apenas quando gera um cuidado integral, inteiro e genuíno. De modo que para que esse gesto cuidadosamente acolhedor aconteça é necessário desfazer barreiras profissionais, e reducionismos biológicos, dentre outros que fragmentam a atenção, tratando apenas dos problemas a serem resolvidos de forma limitada.

Assim, um acolhimento verdadeiro que faça sentido demanda amor e coragem para se compor modos originais do acolher a cada momento único, a cada singularidade. Amor e coragem para se protagonizar gestos inéditos de

cuidados. Um acolhimento que se engendra para se contemplar as necessidades de um ser em sua potência, vicissitude e plenitude de existir.

Com relação ao sentir-se acolhida, a palavra “magia” na fala de Rubra nos leva a analisar que o gesto acolhedor manifesta um encantamento, que se relaciona a pessoas que têm aptidão para trabalhar com o cuidado integral, dando uma atenção tão respeitosa ao ponto de abrir espaços de liberdade, bem como confiança para que o outro possa ser genuíno e se sentir bem. E se sentir mais fortalecido para buscar o autoconhecimento, assim como suas próprias forças. Para ela, é como se essa magia fosse um espaço sagrado, em que duas almas se encontram, se compreendem e acessam forças de cura.

De maneira que a palavra “sentir” emerge em sua narrativa, demonstrando que o acolhimento verdadeiro é algo dessa dimensão do sentir, da intuição, de modo que a pessoa sente quando é criado atmosfera acolhedora e um clima de aceitação, escuta, compreensão, empatia e confiança

De modo que para Rubra, as pessoas que protagonizam o acolhimento, são humanos conectados a sentimentos e afetos, que pelo acolhimento se tornam familiares, no sentido do cuidado e da intimidade que é compartilhada em momentos de amorosidade, características de um acolhimento genuíno

Nesse mesmo ângulo, Íris relaciona o sentido do acolhimento a expressão “genuína”, na aceitação sem julgamentos, na consideração positiva ao seu modo de existir. Assim, o acolhimento se manifesta para as Jovens Íris e Rubra, enquanto uma atitude encantada, afetuosa, autêntica e genuína, realizada por pessoas que além de ter aptidão para o cuidado e o zelo, atuam conectando afetos, sentimentos, emoções com intuições, habilidades e sabedorias. Magicamente, faz com que o outro se sinta bem e seguro na relação de cuidados, com uma sensação de contemplação integral da sua necessidade de acolhimento. Essa magia do acolhimento tem sintonia com os relatos de Nise da Silveira (2004), sobre o afeto presente nas relações acolhedoras de cuidados. Afeto compreendido como catalizador das forças criativas e auto curativas.

Nessa perspectiva, Rubra dá ênfase acerca da imprescindibilidade do acolhimento no momento da crise, sendo que a ausência do acolhimento principalmente nesses momentos dificulta todo processo terapêutico. Tal fato,

inviabiliza a compreensão, o entendimento do que não se consegue expressar nesses momentos. Em outros termos, a necessidade do amparo nesse período do desespero. Logo, notamos que a inaptidão do profissional para intensificar o acolhimento na crise, torna-se todo o processo cuidativo mais dificultoso.

Contudo, a fragilidade no acolhimento bloqueia o fluxo para um cuidado que faça sentido para quem é cuidado. Assim, a fragilidade no acolhimento, torna-se os resultados terapêuticos mais demorados, torna-se também o cuidado menos intenso e mais vagaroso, interrompendo fluxos e movimentos necessários para o sucesso nos projetos terapêuticos. O acolhimento na crise, se dá como uma urgência, imprescindível frente a um grito de socorro que pode estar abafado silenciado e não compreendido.

Assim, as participantes relataram fragilidades no acolhimento principalmente no momento da crise, quando a vulnerabilidade é maior, e a necessidade de acolhimento e cuidados urgentes. Nesse ponto, compreende-se que na crise, há necessidade de intensificação de cuidados e, principalmente, humanização dos cuidados. Entende-se que no momento da crise para a Rubra e Íris, seria fundamental processos terapêuticos de acolhimento, da continência, do estar perto, do validar a sua dor, do aprofundar a escuta do indizível. Isso porque inferimos que a ausência de acolhimento um estado de crise, pode agravar os sofrimentos.

Portanto, é importante destacar os cuidados, procedimentos legais e éticos no momento da vulnerabilidade do paciente, pois quanto menos barreiras teóricas, profissionais, de técnicas, protocolos, rótulos e julgamentos, mais preparada e inteira estará a pessoa humana para acolher de forma autêntica e verdadeira outra pessoa humana, em sua inteireza e singularidade, em seus distintos momentos da existência, mas especialmente nos momentos do indizível, da crise e de maior sofrimento psíquico, quando mais precisam.

Iris ao relatar o foco na medicalização, ressalta o reducionismo biológico, e dar ênfase a sua necessidade de cuidados integrais, em especial a sua necessidade de uma presença acolhedora e afetiva no processo terapêutico. Essa necessidade afetiva no cuidado, revelada por Íris, têm ressonância com percepções de Silveira (2004), que considerou a imprescindibilidade da presença afetiva para o sucesso nos resultados terapêuticos, inclusive nos casos de maiores gravidades do sofrimento.

Igualmente, o sentido do acolhimento para a Rubra se manifesta na dimensão do sentir, em uma sociedade que se distancia cada vez mais dos sentimentos. Sentir na fala da Rubra refere a falta de acolhimento nos contextos sociais, em especial para se acolher o sentimento. Tal perspectiva, demonstra em sua narrativa, a necessidade de acolhimento e sentido em uma sociedade, em que o sentir é deixado em segundo plano. Ou seja, numa sociedade, em que se nota que o sentir está desconectado de maneira permanente dos gestos, ações, espaços de trabalho e educação.

Sobre essa dimensão analisada acima, Íris aponta o sentido do acolhimento exatamente quando se cria uma atmosfera de aconchego e pertencimento, de lar, de casa, onde pode-se habitar, em que se pode ser e estar. Um lugar que pode existir exatamente, como se é de forma autêntica e genuína, um lugar de autenticidades, um lugar do ser inteiro e do cuidado integral, onde há escuta, onde há compreensão, onde há amor. Explica também a sensação de raridade dessa sensação inteira de acolhimento, e do sentir-se tratada como pessoa.

Ainda nesse interim, Íris refere ao CAPSia como lugar de acolhimento, que inaugura o despertar de novas possibilidades de encontros, criatividade, afeto e amorosidades. A participante apresenta o sentido do acolhimento relacionado a força que emerge desses encontros, bem como a força que encontrou dentro de si mesma para a vida e para o amor, quando se permitiu estar nesses espaços, casa, morada, habitação de acolhimento. *Depois que eu comecei vir aqui, eu voltei a amar as pessoas, eu voltei a sentir as coisas boas, que eu não estava conseguindo sentir antes (Íris, 2023).*

Nesse ângulo, as narrativas manifestam as forças que emergem do acolhimento para a vida, o autocuidado, o cuidado com o outro e o amor. Na visão delas, o acolhimento cria espaços de pertencimento. O acolhimento gera forças para o viver, desencadeia processos criativos e curativos para a existência. Dessa maneira, o acolhimento se dá, como se fosse o zelo necessário a esse florescimento dos potenciais humanos para o viver: o autocuidado, a plenitude, a autenticidade, a liberdade e o amor.

Núcleo de sentimentos III – Acolhimento profundo, autêntico, genuíno e verdadeiro

Nesse núcleo de sentidos III, são abordados esclarecimentos sobre a importância e relevância de um acolhimento profundo, autêntico, genuíno e verdadeiro. Rogers (2011a, 2011b), apesar de não falar diretamente do acolhimento no seu referencial teórico-conceitual, demonstra, em todo o seu conteúdo, atitudes condizentes com o acolhimento que referimos neste trabalho, principalmente por ter como princípio o encontro autêntico e genuíno, atravessado por atitudes de consideração positiva incondicional, não julgamento, congruência e profundidade empática. Sobre as atitudes sugeridas pelo autor, estas se revelam genuinamente acolhedoras e manifestam um potencial para o crescimento, a autorrealização, a criatividade e até mesmo a autotranscendência.

Rogers (2012), prevê uma nova e poderosa forma de se relacionar, de viver, de ser, em que o respeito e a confiança no potencial humano conduzam as relações mais positivas, restauradoras, curativas, verdadeiras, autênticas e profundamente humanas, em uma concepção totalmente nova sobre a pessoa humana e seus potenciais, o mundo, a vida, o acolhimento e as relações.

Para Rubra, o acolhimento em relação ao seu cuidado, revela-se como fundamental para que se possa acontecer o cuidado e até mesmo para fortalecer seus próprios potenciais para o autocuidado. No sentido que o acolhimento, se dá como zelo, atenção e cuidado com a vida que demanda a continuidade do cuidado a cada momento, e em alguns momentos em maior intensidade. Quando a Rubra se sente fragilizada e desmotivada para cuidar de si mesma, o acolhimento parece lhe dá uma força para que o movimento de autocuidado aconteça.

Nessa esfera, Íris em sua narrativa, explica a importância do acolhimento, justamente no sentido que esse produz para a sua existência, que foi atravessada por vazio, solidão, incompletude. O acolhimento se configura, assim, como alimento para a sua alma, trazendo uma motivação afetiva e de validação para seu modo de existir, com dignificação da sua existência. Íris revela um sentido transpessoal do acolhimento, no acolhimento sente-se parte de algo maior na dimensão do amor e das relações, que não está sozinha, e que pode valer a pena viver, com o acolhimento em suas relações sente mais vontade e força para o viver. O acolhimento se configura, assim, como alimento

para a sua alma, trazendo uma motivação afetiva e de validação para seu modo de existir, com dignificação da sua existência.

O acolhimento genuíno emana do amor incondicional

Esta pesquisa buscou compreender os sentidos do acolhimento para jovens em sofrimento psíquico grave, usuárias do CAPS ia, localizado na cidade de Vitória da Conquista – Bahia.

Assim, conforme as revelações das sensíveis jovens participantes desta pesquisa o sentido do acolhimento consiste no amor incondicional, que acontece quando envolvidas pela graça, duas almas se encontram inspiradas pela reverência, o encantamento e o cuidado com a existência. Por isso, demanda abertura do coração para aceitar o outro com consideração positiva, respeito, escuta profunda, empatia e responsabilidade em genuína conexão afetiva.

Portanto, ao refletirem sobre os sentidos do acolhimento, Rubra e Íris, manifestaram uma necessidade profunda e antiga de amor, que lhes foi ausente desde a infância, marcada por vulnerabilidades e riscos psicossociais.

Não tem como o acolhimento ser marcado por inautenticidades, para acontecer precisa ser autêntico e genuíno, não dá para fazer de forma verdadeira somente com técnicas profissionais, pois o amor a humanidade é a substância que movimenta as atitudes acolhedoras. O acolhimento consiste em um gesto profundamente verdadeiro de interesse, responsabilidade, amor e cuidados com outra vida humana, considerando a sua valiosidade no universo.

Compreende-se deste modo que, o acolhimento potencializa cuidados, autenticidades, intimidades, plenitudes e expansões no amor. O acolhimento gera forças de cuidado, de cura, de vida, de confiança, de liberdade, de criação e de resiliência. O sentido do acolhimento acontece encontrando com a originalidade de outro ser humano, amando-o. Pois, se desvela como uma linguagem e um gesto concreto de amor a humanidade.

Assim, para o verdadeiro acolhimento acontecer nos cuidados em saúde mental é necessário educação continuada, coragem e entusiasmo para: se desfazer barreiras pessoais, profissionais, burocráticas, institucionais; superar inseguranças e temores em relação a experiência com os sofrimentos e os

transtornos mentais; desconstruir preconceitos, estigmas, reducionismos, e violências manicomiais, incluindo e valorizando as diferenças; acolher, cuidar e potencializar o profissional cuidador.

Sendo assim imprescindível permitir as conexões entre os pensamentos, os sentimentos, as ações e a afetividade; confiar na potência curativa dos afetos; evitar reducionismos e o foco na medicalização excessiva em relação ao cuidado principalmente no momento da crise; compreender o sofrimento psíquico de forma ampliada, integral e humanizada; estar disponível nos momentos de maior vulnerabilidade e crise para se intensificar acolhimentos e cuidados; se permitir abertura a experiência, ao encontro, a convivência, a escuta profunda, a congruência, a autenticidade, ao diálogo, e a empatia.

Enfim, para o acolhimento genuíno se dar, é necessário o encontro com a própria humanidade, e a humanidade do outro, a própria dor e a dor do outro, os próprios sofrimentos inevitáveis e os do próximo, os próprios potenciais para a vida e os potenciais de toda a humanidade de uma forma inteira em reverência para com a vida, de modo que o caminho mais acertado para o acolhimento é o próprio amor.

Referências

BASAGLIA, Franco. **A Instituição Negada**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Atenção Psicossocial a Crianças e Adolescentes no SUS Tecendo Redes para Garantir Direitos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Humanização**: Grupo de Trabalho de Humanização, 2ª ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Humaniza SUS**: Gestão participativa. Secretaria- Executiva. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Humanização**. Secretaria- Executiva. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

CAÇAPAVA. Juliana Reale. **O acolhimento e a produção do cuidado em saúde mental na atenção básica**: uma cartografia do trabalho em equipe, 2008. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica) - Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 45ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FRANKL, Viktor. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

FRANKL, Viktor. **Psicoterapia e sentido de vida**: fundamentos da logoterapia e análise existencial. São Paulo: Quadrante, 2010.

HYPOLITO, Rodrigo Couto. **Dimensões do cuidado**: a produção de cuidados em saúde mental em um Centro de Atenção Psicossocial da cidade de São Paulo - SP. 2017. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), 120 f., 2017.

KINKER, Fernando Sfair; MOREIRA, Maria Inês Badaró. Abertura de possíveis no cuidado em saúde mental, em momentos de crise. **Saúde em Debate**, v. 45, n. 128, p. 178-190, 2021.

MERHY, Emerson Elias. Em busca do tempo perdido, a micropolítica do trabalho vivo em saúde. In: MERHY, Emerson Elias; ONOCKO, Rosana. **Agir em saúde um desafio para o público**. São Paulo: Hucitec, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: teoria método e criatividade. Petrópolis/RJ: Vozes, 2016.

PASSEGI, Maria da conceição; CUNHA, Luciana Medeiros da. Narrativas autobiográficas a imersão no processo de autoria, In: Organizadores: VICENTINE, Paula Perin; SOUZA, Elizeu Celmentino; PASSEGI, Maria da conceição. **Pesquisa (Auto)Biográfica**. Questões de ensino e formação. Curitiba: Editora CRV, 2013.

PEIXOTO, Paulo de Tarso. **Heterogênese Saúde Mental e Transcomposições**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2012.

PEIXOTO, Paulo de Tarso. **Do esquadriamento dos corpos à invenção de práticas instituintes nos ambulatórios de saúde mental**: três movimentos para a heterogênese. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-graduação em Psicologia do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ), 414 f., 2017.

ROGERS, Carl R. **Grupos de Encontros**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ROGERS. Carl R. **Tornar-se Pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

ROGERS, Carl Ranson. **A pessoa como centro**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda- E.P.U.1977, reimpressão 2011b.

RAMOS, Thaís Carneiro Costa. **Acolhimento e cuidado**: a gestalt-terapia diante do sofrimento psíquico. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e

Cultura) - Universidade de Brasília, Brasília, 116 f. 2018.

SILVEIRA, Nise. *Imagens do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.
SILVEIRA, Plínio Augusto Freitas. *O Acolher Chapecó*. In: MERHY, Emerson Elias. **Acolher Chapecó: Uma Experiência de Mudança do Modelo Assistencial, com Base no Processo de Trabalho**. São Paulo: Hucitec, 2004.

SOARES, Sebastião Silva. **Narrativas (Auto)Biográficas, Memória e Docência**. Caderno Cajuína, Tocantins, 2019.

SOUSA, Nayara Alves de; COSTA, S. K.; SANTOS, J. X. Aspectos Éticos em Pesquisa com Crianças e Adolescentes. **REVISTA CIÊNCIA & DESENVOLVIMENTO**, v. 11, p. 511-529, 2018.

TRANCOSO, Alcimar Enéas Rocha; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto. *Juventudes: desafios contemporâneos conceituais*. ECOS, **Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, Volume 4, Número 2, 2011.

VIEIRA Ialane Monique dos Santos; SANTOS, Adriano. **Acolhimento no programa saúde da família: revisão das abordagens em periódicos nacionais**. Rev.salud pública, 2011.

VOLMER, André Luis; AZAMBUJA, Marcos Adegas. **A experiência de trabalhadores de uma unidade pronto atendimento no acolhimento a pessoas em crise psíquica**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, Rio Grande do Sul, 47 f., 2019.

Recebido em: 21/08/2024

Aceito em: 15/02/2025

Ialane Monique Vieira dos Santos

Possui graduações em Enfermagem e em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia / Campus Anísio Teixeira. Mestre em Educação pelo PPGED/UESB. Pós-graduada em: Saúde Mental, Psicanálise, Arteterapia, Transtornos Globais do Desenvolvimento e Comunicação Alternativa. Tem experiência na área de Psicologia, Educação e Enfermagem, com ênfase na Saúde Mental

 ialanesantos@hotmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/5146976100757167>

 <http://orcid.org/0000-0003-0003-0567>

Sebastião Kennedy Silva Soares

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins (Brasil). Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UESB)

 sebastiaosilva@uft.edu.br

 <http://lattes.cnpq.br/9733130956651712>

 <http://orcid.org/0000-0002-5572-014X>

Nayara Alves de Sousa

Doutora em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Docente Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UESB).

 nayara.alves@uesb.edu.br

 <http://lattes.cnpq.br/9733130956651712>

 <http://lattes.cnpq.br/0962407121731621>